

31

GERALDO SANTOS PEREIRA / CINEASTA

- 001-JORNAL A MATA SOBRE O CINEASTA GERALDO PEREIRA
- 002-CÓPIA DE RECORTE DE JORNAL/PROFESSORA THERESINHA DE ALMEIDA PINTO ÍCONE
DA CULTURA RIO-BRANQUENSE
- 003-CÓPIA DE RECORTE DE JORNAL

Professora Teresinha de Almeida Pinto, ícone da cultura rio-branquense



A professora e escritora Teresinha de Almeida Pinto, Diretora do Museu Municipal, prestigiou, no dia 15 de julho, a exibição do filme "O Aleijadinho – Paixão, Glória e Suplício", obra do cineasta rio-branquense Geraldo Santos Pereira, com sua presença no CAEF – Centro de Apoio ao Ensino Fundamental.

Esteve acompanhada da Secretária da Cultura, Maria de Lourdes Torres e da também professora e intelectual Mara de Brito.

Conversaram com o cineasta sobre arte e cultura, ocasião em que Dona Teresinha lembrou que conhecia os irmãos gêmeos Geraldo e Renato, ainda adolescentes e seus contemporâneos. Disse que ela tocava piano e eles a apreciavam curiosos.

Dona Teresinha é filha do saudoso Dr. Gastão de Almeida, ex-prefeito de Visconde do Rio Branco, professor de português e francês, e escritor. É irmã do professor Batista Caetano, do Conservatório de Música. Tem os filhos: Desembargador Luciano, Leonardo, Tiago e Antônio Pinto Neto, todos seguindo a carreira de Direito, sendo que Antônio Pinto é também escritor.

Sua atuação no zelo do Museu e sua participação no mundo da cultura enobrece a intelectualidade da terra.

Cláusula de Barreira

Preto no Branco

Renda Por Habitante e Indicadores Sociais

Maior Renda e Menor Crescimento

RENTA "PER CAPITA" - IBGE 2002 - ORDEM DECRESCENTE:

2º - CATAGUASES	R\$ 6.108,00
3º - LBA	R\$ 4.679,00
4º - MURIAE	R\$ 4.127,00
5º - VICOSA	R\$ 3.684,00

Veja matéria completa na pág 03



"A cidade que há 81 anos foi seu berço, hoje oferece o coração para sua morada"

A Mata



Geraldo pretende filmar vida de Guido

A Mata

A MATA

Tudo sobre a presença de Geraldo Santos
Pereira em Visconde do Rio Branco - MG

AMATA

Circulação: Visconde do Rio Branco, Ubá, Guidoal, Guiricema, Ervália, Paula Cândido, São Geraldo, Divinésia, Coimbra, Viçosa, Cataguases, Rodeiro e adjacências

Visconde do Rio Branco, MG
Brasil

01 a 31 de Setembro, 2006 - Nº 02

Geraldo Santos Pereira Tornou Brilhante o Fim de Semana de Visconde do Rio Branco

A Chegada

O Cineasta Geraldo Santos Pereira deu à cidade a grandeza e o brilho de que somente um grande astro pode proporcionar.

Chegou com sua esposa Elza e a filha Laura, às 18 horas da Sexta-feira, 14, conduzido pelo motorista Rodrigo Benati. Hospedou-se, por especial convite, na residência do agrônomo José Luiz Lopes Gomes que juntamente com familiares e amigos o aguardavam para calorosa recepção. Casa pertenceu à Matriarca Profª Cecília Ignacchitti, já falecida.



Geraldo, com sua experiência de cidadão do mundo, de imediato demonstrou natural capacidade de comunicar-se e passou a falar, em tom coloquial, de suas andanças, planos e vivências. Recordou fatos e pessoas de Visconde do Rio Branco: namoros, amigos, lembranças.

Com sua fama de namorador, conta, na presença da esposa e da filha – que acompanham com simpatia – um encontro que teve com Ary Barroso, em



um Bar da Zona Sul do Rio de Janeiro.

Diz que estava em uma mesa com sua namorada Sofia Kouri (de Visconde do Rio Branco), quando viu o Ary levantar-se de outra mesa vindo em sua direção, naquele estilo irreverente. O famoso compositor, de dedo em riste falou-lhe:

- Isto não pode, devia ser proibido !

- Mas o que, Ary ? - Indagou Geraldo.

Ary retrucou:

- Devia ser proibido uma moça tão bonita namorar um sujeito feio como você.

Mantendo a esportiva, Geraldo deu corda:

- Mas Ary, eu tô no meu canto com a minha namorada e você vem me chamar de feio, que coisa, !?

Neste ponto a namorada Sofia interfere:

- Olha, seu Ary, o senhor pode dizer o que quiser. Ele é feio mas é gostoso ! Gargalhada geral!

Ida ao Monumento a Guido Marlière

No Sábado, 17, por vontade de Geraldo, fomos em comitiva ao Monumento a Guido Thomaz Marlière, erguido a 9 quilômetros da cidade de Guidoal, em estrada de chão, que margeia o Rio Chopotó.

Geraldo, sua esposa Elza e sua filha Laura foram acompanhados por uma comitiva composta pelos amigos: Dra. Margareth, sua filha Marina, Emilia Stela, Franklin, Aloisio, Dr. Eduardo e José Luiz.

Chegando um tanto desorientados ao Monumento, A Comitiva recebeu a aproximação de Fernanda, Ana Paula e Solange, que se mostraram solícitas, chamaram para o seu bar ao lado, onde, descontraidamente, durante muito tempo, prestaram informações valiosas sobre a história de Guido e todo o seu vasto acervo. Nossa equipe fez um vasto registro fotográfico.

No Monumento estão lapidadas inscrições: "Monumento em memória a Guido, Desbravador das Selvas e civilizador dos índios, abrindo estradas e semeando núcleos de população, câmaras, municípios de Ubá, Cataguases, Rio Branco, Rio Pomba, que erigiram este Monumento. Gratidão e Pioneirismo. Inaugurado em 1928." Consta que faleceu em 1836. Uma das inscrições dá conta de que "Na colina em frente ao Monumento existiu o cemitério dos índios, onde Guido foi sepultado".

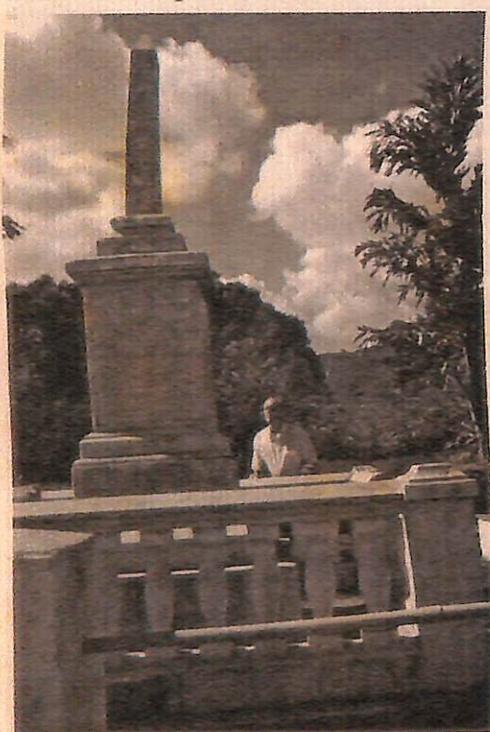
Ao lado do Monumento de 1928, foi erguido um busto de Guido, recentemente, em 2001, em que consta a participação das prefeituras de Cataguases, Guidoal, Ubá e Visconde do Rio Branco.

Moradores do local lamentam que o Monumento original merecia maior atenção, já que seu estado de conservação está deficiente: apresenta trincas e sinais de deterioração.

Segundo Fernanda Aparecida Coelho Lopes, moradora no local, Guido teria sido sepultado sentado, no cemitério dos índios, embora haja inscrições que dizem estarem suas cinzas depositadas no Monumento.



Além de Fernanda, existem no local estudiosas da vida de Guido: Ana Paula Mendonça - estudante de História, pela Universidade Federal de Viçosa – e Solange Mendonça.



Há informações de que dos dois filhos de Marlière, sobreviveu o de nome Leopoldo. E que em Ubá existe o tetraneto Rui Marlière. E que Leopoldo teria deixado 8 filhos. Existe na Região a Associação Guido Marlière de Produtores Rurais.

Controvérsia sobre a data da vinda de Guido para o Brasil



Síntese Biográfica
(www.asminasgerais.com.br)

"G U I D O THOMAZ MARLIÈRE nasceu em 03 de Setembro de 1767 em Janarge, Província de Maarche, França. Filho de família monarquista, estudou Humanidades e Filosofia, aos 18 anos entrou para o Exército Francês. Vencido na luta contra as forças revolucionárias, fugiu com

os militares para a Alemanha integrando-se à Legião Realista do Conde Mirabeau.

Fez parte do Regimento Auxiliar Britânico de Montemart. Vencido por Napoleão, seguiu com o regimento para a Inglaterra, sendo enviado pelos ingleses para Portugal para defender as terras lusitanas de possíveis invasões napoleônicas.

Foi porta estandarte da Guarda Real de Polícia a Pé e a Cavalos, em 1802. Casou-se em Portugal com Maria Victória Rozierres, filha do Cel. Da Artilharia da Costa, Luiz L'huylier de Rozierres, português descendente de franceses.

Ao contrário do que já se escreveu, Guido Marlière não veio para o Brasil em 1808, junto com a Família Real, e sim em 1807 na Corveta de João Marcos Vieira Araújo, para o Rio de Janeiro e depois para o Rio Grande do Sul, onde serviu no posto de Alferes da Cavalaria Ligeira, transferindo-se para o 1º Regimento de Cavalaria do Exército de Minas Gerais em 11 de agosto de 1808.

Em 1810 foi promovido a tenente. Em janeiro de 1811, Guido Marlière volta a Minas Gerais por Ordem Régia do Conde de Palma D. Francisco de Assis Mascarenhas com a graduação de Tenente-Capitão agregado do mesmo regimento.

Em 19 de julho do mesmo ano, o Capitão Guido Marlière é preso em Vila Rica, como suspeito de ser um enviado de Napoleão Bonaparte.

Em 25 de agosto de 1812, por Carta de Sesmaria Guido Marlière recebeu "Meia légua de terras em quadra, situada no caminho do Rio de Janeiro, na paragem chamada o Rio Novo do Pihá"(Piau), "passadas as terras do Rev. Vigário Miguel Antônio de Paiva, do Termo da Vila de Barbacena."

Em 1813, foi enviado para pacificar o Presídio de São João Batista (Visconde do Rio Branco), onde conseguiu apaziguar as tribos Cropós, Croatas e Puris, civilizando-os.

Em 1814, nomeado Diretor Geral dos Índios de São João Batista do Presídio, São Manoel do Pomba e aldeias anexas.



No mesmo ano, construiu o aldeamento de Rio Pardo (Argirita, quando conseguiu reunir e aldear 500 puris. Em seu relatório a D. João, em 13/11/1814, Marlière informa que "por ofício e de viva voz", incumbiu ao Padre Antonio Duarte Pinto, "Capelão da Aplicação de N.S. da Conceição do Rio Novo", para que cuidasse da "parte essencial da religião". Em 1818, foi nomeado inspetor dos índios para as 2ª e 3ª divisões de Abre Campo.

Em 1821, foi promovido a Major. Neste ano, assumiu o cargo de Venerável da Loja Maçônica "Mineiros Reunidos", de Vila Rica.

Em 1822, quando foi fundado o Grande Oriente do Brasil, Marlière pede filiação da "Oficina Mineira". A integração foi deferida em 31 de julho de 1822, como consta na Ata da Sessão Nº 8, sendo a primeira Loja Maçônica do interior a filiar-se ao GOB, mostrando assim

a atividade e o zelo de Guido Marlière. Em vista desta integração, Marlière foi nomeado Primeiro Delegado do Grande Oriente do Brasil, na Província de Minas Gerais. Nesta GOB, sob o comando de Gonçalves Ledo, preparava a Independência do Brasil

Em 1823 foi promovido a Tenente Coronel do Regimento.

Em 1827 foi comandante das divisões do Rio Doce.

Assim "O Apóstolo das Selvas" continuou a abrir estradas, varando florestas virgens que cobriam estes solos, desde o Jequitinhonha, passando pela zona siderúrgica, a São Domingos do Prata, Abre Campo, Rio Pomba, todo o vale dos rios Doce e Jequitinhonha, indo atingir os rios Murury e São Mateus, numa imensa região desconhecida e perigosa pela presença de indígenas antropófagos.

Sua obra de civilizador atingiu centenas de grupos entre eles, os Puris, Cropós, Croatas, Nacenuques, Malalis, Manhuçus, Gracnunes, Quejaurins, Maxacalis e outros.

Fundou numerosos povoações e colaborou para a formação de muitos municípios, todos resultantes de aldeamentos indígenas, destacando-se: Guidoal, Visconde do Rio Branco, Guiricema, Cataguases, São Geraldo, Muriaé, Mirai, Astolfo Dutra, Conselheiro Pena, Governador Valadares, Pocrane, Tarumirim, Resplendor, São Domingos do Prata, Mesquita, Marliéria, Jaquaraçu, Jequitinhonha, Argirita e São João Nepomuceno, conforme consta de sua autobiografia.

Falava francês, alemão, inglês, português, tupi, tapuia e outras línguas.

Sua obra civilizadora foi muito importante na pacificação e no aldeamento dos indígenas ferozes. Graças às atitudes enérgicas de Marlière, no imenso território dos "Sertões Proibidos" do Rio Doce até o rio Paraíba, do sul do Espírito Santo e ao norte Fluminense, tornou-se possível que Minas Gerais voltasse a ser como no período áureo, a primeira economia nacional.

Voltou para sua Fazenda Guidoal, onde faleceu em 05 de junho de 1836, pobre, mas perante as lágrimas dos indígenas civilizados por ele."

Biógrafo: Dr. Manoel Basílio Furtado. Fonte: FUNDAÇÃO CULTURAL CHICO BOTICÁRIO (Rio Novo)

O Cineasta Quer Filmar a História de Guido



Geraldo Santos Pereira quis visitar o Monumento a Guido Thomaz Marlière e conhecer a Serra da Onça, em Guidoal, devido à sua forte determinação de realizar um filme sobre a vida do militar francês, que pertencera ao exército de Napoleão Bonaparte. Guido teria desertado das tropas napoleônicas, passando a combatê-las. Teria se refugiado na Inglaterra, depois em Portugal e de lá para o Brasil.

Sobre sua vinda para o Brasil há controvérsias sobre o ano. Há historiadores, em maioria, que dizem ter vindo em 1808 com a família Real. Outros, contrariando a versão predominante, dizem ter vindo em 1807 para o Rio de Janeiro e, posteriormente para o Rio Grande do Sul.

Geraldo pretende realizar um curta-metragem de 15 minutos, começando com cenas a serem filmadas na França, evoluindo a trajetória até sua nomeação para pacificador dos índios das "Áreas Proibidas" das Matas que cobriam a Paróquia de São João Batista do Presídio. Sua referência marcante é a fazenda, na Serra da Onça, onde morou e pacificou índios, conquistou o respeito e amizade dos nativos, em cujo cemitério foi sepultado, de pé, conforme os costumes indígenas dizem uns; sentado, dizem outros. Correm lendas e especulações diversas.

O Cemitério fica na colina, em frente ao Monumento. Há informes de que os franceses levaram pertences de Guido, como espada e outros objetos de uso pessoal. Até a cadeira com que teria sido enterrado pode ter sido levada para a França.

Moradores da Região denominada Monumento a Guido (parte da Serra da Onça) contam indignados que sobre o local da suposta cova de Marlière teria sido passado trator, ato interpretado como desrespeito aos seus restos mortais e à sua memória.

Geraldo disse que pretende fazer um filme na sua terra natal sobre Guido, onde foi seu quartel general e onde morou por três anos. Em Guidoal, onde tinha sua fazenda, na qual faleceu pobre, abandonado, acompanhado de apenas três ou poucos mais índios amigos. Um final triste e melancólico..

Noite de Sábado: Geraldo Exibe "O Aleijadinho" no CAEF



Com as poltronas lotadas e até gente em pé, o público ligado à cultura e história compareceu ao Centro de Apoio ao Ensino Fundamental (CAEF), para assistir à palestra de Geraldo Santos Pereira e ao seu filme "O Aleijadinho - Paixão, Glória e Suplício", produzido em parceria com seu irmão gêmeo, já falecido, Renato.

Antes da palestra a Associação Ludomata, comandada por André Luiz Fialho, o Bicudo Mania, promoveu



uma apresentação de palco, com artistas mirins, dançarinos da Caravana da Alegria. São grupos compostos por crianças e adolescentes dos bairros periféricos, e que abrilhantam os espetáculos de fim de semana, por onde a Caravana passa.

Tem sempre a colaboração da "madrinha" Maria Antônia.

Após o brilho desses jovens, Geraldo falou de sua origem rio-branquense, de sua saída da terra aos 9 anos de idade, para Ouro Fino, de sua vida rica em experiência, formação, obra, premiação e convivência.

I - Formação Profissional e Cultural: 1) Faculdade de Direito UFMG (Universidade Federal de Minas Gerais); 2) Unstitut des Hautes Etudes Cinematographiques Paris-Produção-Realização - 2 anos; 3) "Education Par Lè Jeu Dramatique" - Paris (Nesse tempo, conviveu com celebridades, como Ivo Pitanguy, Heitor Vila Lobos, Oscar Niemayer, Jorge Amado); 4) Literatura Contemporânea - Sorbone - Paris.



II Experiência Profissional: 1) 1º Assistente de Direção nos filmes "Uma Pulga na Balança", de Luciano Salce, e "Luz Apagada" de Carlos Thiré, na Companhia Cinematográfica Vera Cruz, São Paulo.

III Realização Profissional - Cinema:

a) Filmes de Curta-Metragem - Documentários: 1) Educação e Desenvolvimento - 1956; 2) Escolas Técnicas do Brasil - 1956; 3) Campanha de Educação Física - 1956; 4) Formando Geólogos para o Brasil - 1957; 5) Mineralogia

Brasileira - 1957; 6) Museu Nacional - 1957; 7) O Mosteiro de São Bento - 1958; 9) O Roteiro Barro Mineiro: Ouro Preto - 1959; 10) A Pintura Brasileira - 1960; 11) O Que é o IPHN - 1960; 12) Fazenda-Escola - 1965; 13) Serra da Piedade - 1966; 14) Bens de Capital - 1971; 15) Peixe: Alimento e Riqueza - 1972.

b) Filmes de Longa-Metragem: 1) *Rebelião em Vila Rica*, 1957 em Agfacolor (o primeiro filme em cores realizado no Brasil); 2) *Grande Sertão*, 1965, baseado no romance *Grande Sertão: Veredas*, de João Guimarães Rosa. Co-direção de Renato Santos Pereira; 3) *Balada dos Infiéis*, 1970, em cores. Produção e direção de Geraldo Santos Pereira. Inspirado no conto "Água de Juvença", de Coelho Neto; 4) *O Seminarista*, 1977, em cores. Adaptação do romance "O Seminarista" de Bernardo Guimarães. 5) *O Sol dos Amantes*, 1979, em cores. Roteiro, Direção e Produção de Geraldo Santos Pereira; 6) *O Aleijadinho* Paixão, Glória e Suplício, 2001, em cores. Melhor Ator (Maurício Gonçalves), no Festival de Recife. Selecionado e exibido no Tenth Annual African Diaspora Film Festival, de Nova York, 2002. Exibido em Chicago, na seleção de "Best" do AFDF. Em processo de distribuição pela ArtMattan Productions, nos Estados Unidos, Canadá e países de língua inglesa.

Projetos e Roteiros Cinematográficos

- 1) Ciranda Barroca, adaptação e diálogos de João Felício dos Santos e Geraldo Santos Pereira;
- 2) Os Amores de Francisca;
- 3) Um Filho Para a Princesa (em torno da estada da Princesa Isabel na estância Hidromineral de Caxambu;



- 4) - Flood (Inundação), projeto ambientado na Amazônia;
- 5) - Fuga para o Inferno, idem
- 6) - Marlière: pesquisa e argumento sobre a vida de Guido Tomaz Marlière.

IV - Atividade Profissional - Jornalismo



- 1 - Redator de "O Diário, Belo Horizonte;
- 2 - Redator e crítico de cinema do "Estado de Minas";
- 3 - Redator de Feirinha Noturna, com Renato Santos Pereira, no jornal Folha da Noite, de São Paulo;
- 4 - Crítico de cinema do Diário Carioca, Rio de Janeiro.
- 5 - Crítico de cinema do Diário de Notícias, Rio de Janeiro.
- 6 - Redator da revista Manchete, Rio de Janeiro,
- 7 - Redator da revista Luz e Ação, Rio de Janeiro.

V - Atividade Cultural



- 1 - Fundador do Clube de Cinema de Minas Gerais, 1946. Belo Horizonte.
- 2 - Fundador da Sociedade Claude Debussy, inaugurada com a visita de Heitor Villa Lobos, 1947.
- 3 - Membro da delegação mineira ao 1º Congresso Brasileiro de Escritores, 1944.

VI - Atividade Pedagógica



- 1 - Professor do Curso de Cinema do Museu de Arte Moderna de São Paulo, 1953;
- 2 - Professor do Curso de Cinema da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais, 1997;
- 3 - Palestras na apresentação do filme *O Aleijadinho* para escolas e Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais.

VII - Atividades Oficiais e Associativa



- 1 - Membro e Secretário Geral da Comissão Federal de Cinema, Rio de Janeiro, 1956;
- 2 - Membro e Secretário Geral do Grupo de Estudos da Indústria Cinematográfica, Rio de Janeiro, 1958;
- 3 - 1º Secretário do Sindicato Nacional da Indústria Cinematográfica em diversos períodos;
- 4 - 1º Secretário da Associação Brasileira de Produtores

Cinematográfica em diversos períodos;
5 - Participante do 1º, 2º e 3º Congresso de cinema Brasileiro;
6 - Membro da Associação Mineira de Cineastas.

VIII - Obras Publicadas



- 1 - 1 - Plano Geral do Cinema Brasileiro, Editor Borsoi, 1973;
- 2 - O Sol dos Amantes, Editora José Olympio e Embrafilme, 1979;
- 3 - Ciranda Barroca, Editora Grupiara, 1984.

IX - Prêmios e Condecoração



- 1.1º Prêmio de Poesia do Concurso Saint-Exupéry, organizado pelo jornal O Globo (viagem a Paris)
2. Um dos seis premiados no Concurso de Roteiros Originais, organizado pelo Instituto Nacional de Cinema e Embrafilme, 1976, com O Cangaceiro e o Samurai.
3. Condecorado com a Medalha do Aleijadinho, conferida pela Prefeitura Municipal de Ouro Preto, 1978.

X - Atividade Teatral



Cacilda Becker, entre Mauricio Barros e Sérgio Cardoso

Autor da peça teatral "Ver ou Não Ver", direção de Geraldo Otaviano e interpretação de Shelmur Kvar e Lorelai Schneider, apresentada no Palácio das Artes, de Belo Horizonte, 2002.

Assinado: Geraldo Santos Pereira
2003 / 2005 / 2006.

Depois da exibição do filme disse que ficou impressionado com o comportamento da platéia predominante de jovens da periferia, em silêncio, e com inteira atenção voltada para a tela. Conversou com a Secretária de Cultura Municipal, Maria de Lourdes Torres que lhe fez uma saudação de agradecimento; com o Secretário de Fazenda Municipal, representante do Prefeito, Leandro Lanna Sampaio; com a fundadora e mantenedora do Museu Municipal, professora Teresinha de Almeida Pinto; com Mara de Brito, de cuja irmã foi namorado.

Deu, entrevista à rádio-repórter Iara da Rádio Comunidade. Conversou com o cineasta Luciano Benhame e com o produtor e ator Jorge Luiz da Silva e várias outras pessoas que o assediaram. Respondeu perguntas e tirou fotos com todos os que lhe solicitaram.



Durante a palestra, lembrou-se do encontro que teve em uma igreja em Ouro Preto com uma professora de História das Artes, da Universidade Stransburg, umas das mais tradicionais e antigas da França. A professora lhe falou da classificação de civilizações na Américas: Maias, Incas, Aztecas e Barroco. Barroco apontado pela professora como a Quarta Civilização das Américas.



Após a sessão, Geraldo, família e Comitiva foram ao Restaurante Doce Sabor, formando uma roda em torno da mesa número 12, onde degustamos uma boa bebida, um bom vinho, acompanhado de pizza, que nada tem a ver com CPI.

Destacamos na roda de amigos, o escritor e professor José de Anchieta Assis Rocha e sua esposa Bernadete. Anchieta, na ocasião, autografou seu mais recente livro "Morte Póstuma", presenteando aos componentes do grupo. Anchieta acompanha Geraldo de algum tempo e falou-nos sobre seu relacionamento com o mundo das celebridades.

Sobre Marlière, Geraldo deixa sempre claro que seu desejo mais imediato é filmar

uma curta-metragem de 15 minutos sobre a vinda do militar de origem francesa, que veio para esta região com a missão de pacificar os índios, vítimas dos poaieiros e invasores das terras Proibidas”.

O cineasta Jorge Luz da Silva (Jor-Som Produções) conversou com Geraldo e lhe mostrou que pretende produzir um filme sobre Mazzaropi (do qual possui coleção completa). E que ele mesmo (Jorge) fará a personagem principal (Mazzaropi). A curiosidade de Geraldo foi saber se Jorge aprendeu “o andar” do Mazza. Jorge afirmou categoricamente que sim.

As exposições de Sábado e Domingo tiveram cobertura técnico-operacional da equipe da Vídeo. Fotos do Acadêmico de Direito, Professor Aloísio Paulo Ferreira. Realização da Associação Recreativa, Cultural, Lúdica e Histórica da Zona da Mata (Ludomata). Apoio Cultural dos periódicos “Consciência da Mata” e “A Mata”, do cirurgião-dentista Eduardo Henrique Lopes Gomes, e de Balancê Modas.



A MATA EXPEDIENTE

Registro no Cartório de Títulos e Documentos no Livro B, sob nº 08, às fls. 02v, registro de títulos e documentos e registro civil das pessoas jurídicas, Visconde do Rio Branco - MG - Brasil.

ADMINISTRAÇÃO: José Luiz Lopes Gomes

REDATOR-CHEFE: Franklin Netto

ASSISTENTE DE REDAÇÃO: Jeová Benati Filho e Dionir Mantoan Ferreira

EDITORIAÇÃO ELETRÔNICA: Hélder Reis

IMPRESSÃO: Gráfica Rejane Ltda.

REVISÃO: Aloísio Paulo Ferreira

REPORTAGEM: André Luiz Fialho

PESQUISA: Ana Maria Nathalino

ENDEREÇO ELETRÔNICO: jllgomesster@gmail.com

franklin_netto@hotmail.com

COLABORADORES DIVERSOS

“As matérias assinadas são de inteira responsabilidade de seus autores. Não se obriga a publicar toda a correspondência recebida, nem a devolvê-la.”

Rua Major Felício

Noite de Domingo:

“O Aleijadinho” Em Plena Praça

No Domingo, 16, a exibição do filme aconteceu na Praça 28 de Setembro, na parte superior, próxima ao balaustre. O telão foi colocado em posição oposta ao prédio do histórico cine Brasil. A platéia, muita gente saída da missa por volta das 20h30m, ao assistir à película, via, ao fundo, a fachada da antiga casa de espetáculo.



Essa montagem tinha uma articulação simbólica, já que o Geraldo Santos Pereira aproveitava sua passagem por sua terra natal para lançar a campanha para o restabelecimento do cinema. Ele sugeriu o nome de teatro. Ele sugeriu o nome de Centro Cultural Guido Marlière.

Apesar do frio, grande número de pessoas acompanhou atenta e emocionada o enredo, que contém muito do lado humano do gênio da arte barroca e rococó, como também o contexto histórico da Inconfidência Mineira.

A produção é de alta qualidade técnica, desde a determinação do roteiro, de Geraldo e Renato dos Santos Pereira, até a interpretação do elenco de primeira grandeza: Maurício Gonçalves, Maria Ceíça, Carlos Vereza, Edwin Luisi, Ruth de Sousa, Antônio Naddeo, Wilma Henriques.

Terminada a exibição, o cineasta colocou-se à disposição do público para perguntas. Vagner Robert, produtor, ator e diretor de teatro — que prestigiou e acompanhou as apresentações desde Sábado no CAEF —, quis saber quantas horas teriam sido gastas na filmagem, para apurar aqueles 100 minutos do filme pronto.

Geraldo respondeu que em torno de 1000 horas, entre erros e acertos, cortes, repetições de cenas.

Yara, rádio-repórter da Rádio Comunidade FM, perguntou sobre projetos futuros de Geraldo que informou estar em seus planos a filmagem de “Noites dos Diamantes”, a ser rodada em Diamantina, antigo arraial do Tijuco, cuja personagem principal trabalha durante o dia na lapidação de diamantes. De noite sonha e se transforma em Chica da Silva, a escrava que se torna mulher do Comendador João Fernandes de Oliveira (Pode ter sido comprada ou libertada a pedido de João Fernandes de Oliveira, que chegara ao arraial em 1753 para exercer o cargo de contratador, que o pai, que tinha o mesmo nome, conquistara junto à Coroa treze anos antes).

Depois de responder a várias outras perguntas de pessoas que não quiseram se identificar, Geraldo voltou a enfatizar a campanha pela reabertura do cine-teatro, ou seja: a criação do Centro Cultural Guido Thomaz Marlière.

Sobre Marlière, Geraldo deixa sempre claro que seu desejo mais imediato é filmar um curta-metragem de 15 minutos sobre a vinda do militar de origem francesa, que veio para esta região com a missão de pacificar os índios, vítimas dos poaieiros e invasores das “Áreas Proibidas”.

O cineasta Jorge Luz da Silva (Jor-Som Produções) conversou com Geraldo e lhe informou que pretende produzir um filme sobre Mazzaropi (do qual possui coleção completa).

E que ele mesmo (Jorge) fará a personagem principal (Mazzaropi). A curiosidade de Geraldo foi saber se Jorge aprendeu “o andar” do Mazza. Jorge afirmou categoricamente que sim.

As exposições de Sábado e Domingo tiveram cobertura técnico-operacional da equipe Noka Vídeo. Fotos do Acadêmico de Direito, Professor Aloísio Paulo Ferreira. Realização da Associação Recreativa, Cultural, Lúdica e Histórica da Zona da Mata (Ludomata). Apoio Cultural dos periódicos “Consciência da Mata” e “A Mata”, do cirurgião-dentista Dr. Eduardo Henrique Lopes Gomes, e de Balancê Modas.

Geraldo Santos Pereira e as Prefeituras



troca de anabilidades.

Em seguida, Geraldo, José Luiz e Aloísio chegaram até a Praça Guido Marlière — a Praça da Estação.

Vendo um busco de bronze, aproximaram. Era de Ary Barroso, o famoso Ary, autor de Aquarela do Brasil.

Entretanto, não havia estátua de Guido.

De volta a Visconde do Rio Branco, a Comitiva pediu audiência ao Prefeito, Dr. João Antônio de Souza, que atendeu cortesmente.

O assunto foi o mesmo tratado com o Prefeito de Ubá. E a resposta, em termos, foi a mesma.

Em Guidoal, a visita fora no Sábado, durante a tarde, quando da Idáio Monumento a Guido. Não pode haver contato com o Prefeito. Não era dia de expediente.

Após o almoço, o cineasta rio-branquense Geraldo Santos Pereira, sua esposa Elza e sua filha Laura regressaram a Belo Horizonte, conduzidos pelo motorista Sebastião Matozinhos.

Na Terça, hora do almoço, Geraldo e dona Elza telefonam falando da viagem, que foi muito boa, agradecendo pelo fim-de-semana que passaram entre nós.

E nós é que ficamos honrados e agradecidos pela grata presença de tão ilustre família.

Franklin Netto
franklin_netto@hotmail.com

Na Segunda-feira, a partir das 9 horas da manhã, Geraldo visitou o Prefeito de Ubá, Dirceu dos Santos Ribeiro, que o recebeu, assessorado pelo Secretário da Educação, Luiz Alberto Duarte Martins, e pela senhora Bete Barros. A finalidade era falar de sua intenção de realizar o curta-metragem sobre Guido Marlière, contendo com patrocínio das prefeituras de Guidoal, Ubá e de Visconde do Rio Branco.

O contato realizou-se em clima informal e as despedidas se fizeram com



A MATA EXPEDIENTE

Registro no Cartório de Títulos e Documentos no Livro B, sob nº 08, às fls. 02v, registro de títulos e documentos e registro civil das pessoas jurídicas, Visconde do Rio Branco - MG - Brasil.

ADMINISTRAÇÃO: José Luiz Lopes Gomes

REDATOR-CHEFE: Franklin Netto

ASSISTENTE DE REDAÇÃO: Jeová Benati Filho e Dionir Mantoan Ferreira

EDITORIAÇÃO ELETRÔNICA: Hélder Reis

IMPRESSÃO: Gráfica Rejane Ltda.

REVISÃO: Aloísio Paulo Ferreira

REPORTAGEM: André Luiz Fialho

PESQUISA: Ana Maria Nathalino

ENDEREÇO ELETRÔNICO: jllgomesster@gmail.com

franklin_netto@hotmail.com

COLABORADORES DIVERSOS

“As matérias assinadas são de inteira responsabilidade de seus autores. Não se obriga este periódico a publicar toda a correspondência recebida, nem a devolvê-la.”

Rua Major Felicitíssimo, nº 528 – sala 104 – Centro

Tel: (032) -8403 - 7289 / (032) 9931-0380

CEP: 36520-000 – Visconde do Rio Branco – MG - Brasil

Geraldo, Amigos e Convivência

Geraldo Santos Pereira e Glauber Rocha

Quando Geraldo Santos Pereira, seu irmão gêmeo Renato e Humberto Mauro trabalhavam no Ministério da Educação e Cultura, no governo Juscelino Kubitschek, produziam documentários por Humberto Mauro (hoje todo acervo de Renato e Geraldo foram doados à cinemateca brasileira).



A vida de Humberto Mauro eram os documentários por eles produzidos. Segundo Geraldo, Humberto Mauro considerava "uma cachaca trabalhar com cinema".

Geraldo conta que Glauber chegou a fazer fortes críticas contra os documentários produzidos pela equipe.

Geraldo reagiu dizendo a Glauber que, para acabar com os documentários, teria que primeiro acabar com Humberto Mauro, pois aquilo era a sua própria vida.

Algum tempo depois, em um encontro de cinemas, Glauber chega a Geraldo desculpando-se e admitindo que eles tinham razão, e que foi um equívoco por parte dele. Os dois se abraçaram com expressões de afeto e palavras amigas.

Para Geraldo, Glauber era uma grande inteligência, revolucionária para a sua época. E que seu filme "Terra em Transe" foi sua grande obra de projeção mundial.

Sobre Vitério de Cica, cineasta italiano, autor do clássico "O Ladrão de Bicicleta": Geraldo afirma que Vitério usava figurantes como atores para suas filmagens. E, quando

alguém lhe perguntava se esse uso poderia dar errado, ele dizia que se desse, a culpa era do cineasta e não do figurante.

Entre as celebridades de seu convívio constavam: JK, Humberto Mauro, e



São suas palavras, publicadas no Estado de Minas, de 29 de abril 2006, Caderno Pensar, pág. 5 e 6:

"Em 1956, dirigindo o Instituto Nacional do Livro, no governo Juscelino Kubitschek, meu saudoso irmão gêmeo Renato leu, assombrado, *Grande Sertão: Veredas*, que acabara de ser editado por José Olympio e, imediatamente, criou o Prêmio Machado de Assis, que outorgou a Guimarães Rosa, logo seguido pelos prêmios Carmen Dolores Barbosa, também em 1956, e Paula Brito, da Biblioteca Municipal do Rio de Janeiro.

"A amizade com João Guimarães Rosa, de Renato e minha, começou em Paris, antes da publicação desta obra-prima da Literatura Brasileira "Grande Sertão: Veredas", quando ele exercia o cargo de conselheiro da Embaixada do Brasil, em Paris, e onde Renato e eu estudávamos no Institut des Hautes Etudes Cinématographiques (IDHEC), com bolsas de estudos do governo francês. Na capital francesa, estivemos várias vezes com Guimarães Rosa e, lá mesmo, havíamos lido *Sagarana*, o primeiro livro de prosa que escrevera e publicara em

Geraldo e os Prefeitos

Geraldo fez uma visita de cortesia à Prefeitura de Ubá, e foi a recepcionado pelo Secretário de Cultura, Professor Luiz Alberto Duarte Martins, pela sua assessora Bete Barros e pelo Prefeito Direceu dos Santos Ribeiro. Em Visconde do Rio Branco também foi recebido pelo Prefeito, João Antônio de Souza, a quem repetiu seu projeto de filmar um documentário sobre Guido Marlière e abordou outros assuntos. Aos prefeitos e assessores falou de custos do projeto e da necessidade de patrocínio para realizar seu intento. Os dois chefes de executivo alegraram esgotamento de recursos para este ano e pediram que fizesse ofício com explanação de detalhes das despesas para apreciação das respectivas equipes de fazenda.

Geraldo e o Museu

Ficou agendada uma visita de Geraldo ao Museu Municipal, pela Diretora, Professora Teresinha de Almeida Pinto, quando ela lhe mostraria o acervo sobre Guido, o qual poderá ser utilizado no seu filme. Finalmente, devido à necessidade de regressar a Belo Horizonte, não foi possível fazer agenda para julho, o que ficou adiado para uma outra visita, em ocasião oportuna.

Geraldo e a Secretária de Cultura

A Secretária de Cultura, Maria de Lourdes Torres, falou-nos da possibilidade de programar uma Semana de Cine "Geraldo Santos Pereira", com exibição de filmes e palestras.

Ficou de haver novos entendimentos para realização desse evento. Fica a proposta de criação do Festival de Inverno de Visconde do Rio Branco (cinema ao ar livre e demais manifestações artísticas e culturais), como já acontece em várias cidades históricas.

Geraldo, Renato e Da Teresinha

Geraldo e Renato são irmãos gêmeos de uma irmandade de sete. Geraldo diz

- Meu pai foi fundador do Colégio Rio Branco e do Hospital São João Batista. Seu pai era Desembargador, foi Delegado de Polícia, Juiz e Promotor de Justiça. Em 2002, o filme "O Aleijadinho" foi exibido em Ubá, com muita festa, em que esteve presente a atriz Maria Ceiça. Geraldo foi homenageado pela sociedade Ubaense.

Dona Teresinha contou-nos que, quando adolescente, estudante de piano, em suas apresentações, muitas vezes estavam presentes os irmãos gêmeos Geraldo e Renato, vestidos de pijamas. Quando terminava a apresentação, era aplaudida por eles, também adolescentes, e ela "morria de vergonha". (Risos).

Entrevista à Rádio Manchete

Na tarde de Domingo, às 13 horas, Geraldo concedeu entrevista ao apresentador André Luiz Fialho, quando, durante um bom tempo, falou sobre sua vida, seus filmes, sobre a cidade da qual destaca sua bela topografia, luminosidade e temperatura agradável e a bela hospitalidade de seus conterrâneos. Abordou a história de Guido na civilização dos índios – assunto que o André tem estudado e divulgado constantemente em seus programas. Geraldo aproveitou para bater na tecla com insistência para a criação do Centro Cultural Guido Marlière.

Geraldo fala que seu irmão gêmeo Renato era igual a ele em tudo: Tudo o que eu fazia ele também fazia, inclusive cinema(!). Já dona Elza faz uma ressalva: diz que Renato era um pouco diferente no temperamento: Renato era mais agitado.



e 1946, com o qual recebeu o Prêmio da Sociedade Felipe d'Oliveira.

De volta ao Brasil, em 1956, convocados pelo ministro Clóvis Salgado, fômos, Renato e eu, trabalhar no Rio, encontrando Guimarães Rosa na chefia de gabinete do Ministro das Relações Exteriores, João Neves da Fontoura, seu grande amigo. A amizade mineira e francesa passou também a ser carioca, aprofundada com a publicação de "Grande Sertão: Veredas", que vertemos para o cinema, Renato e eu, em 1954, com o título de "Grande Sertão", filme que significou a exaltada admiração diante do maior de todos os romances latino-americanos e uma inquestionável obra-prima da ficção de nosso tempo. O filme, apesar da crítica implacável que provocou, deflagrou o ciclo rosiano do cinema brasileiro e recebeu a defesa de Otto Lara Resende, em crônica na qual escreveu que tivéramos a coragem de transportar para a tela uma história tão difícil como Ulisses de James Joyce, mas representativa da profunda admiração que, "corajosamente, tiveram os gênios Santos Pereira".

Antes da realização do filme rodado no município de Patos de Minas, tivemos, naturalmente, vários encontros com Guimarães Rosa, que nos recomendou imprimir ao filme um ritmo nervoso, inquietante, ameaçador, mantendo o espectador em constante sobressalto.

E que nele se vissem muitas armas, garuchas sertanejas, pajeuzeira, espingardas – atirando, ou mudas, imóveis, mas engatilhadas e expectantes.

A Experiência do Cine Luau na Praça 28 de Setembro

Na primeira vez de realização de cine luau em Praça Pública em Visconde do Rio Branco, com telão, sonorização e com cerca de 300 pessoas espalhadas pelos bancos, ou em pé, ou até mesmo pelos canteiros - após a missa das Matriz - iniciou-se a sessão. O radialista André abriu os trabalhos, saudando Geraldo e o público presente, que enfatizou o pioneirismo da iniciativa em nossa terra. Em seguida, Franklin comentou o evento, ressaltou o apoio cultural dos periódicos "Consciência da Mata", "A Mata", "Ludomata", Dr. Eduardo Dentista e Balancê Designer.

Passada a palavra a Geraldo, apesar da hora avançada e do frio em pleno fim de Domingo, impressionava a permanência da platéia atenta e presa ao desenrolar do acontecimento.

Geraldo falou de sua vida na cidade, de seus pais, do filme "O Aleijadinho" e da importância do Barroco Mineiro, marco da Quarta Civilização das Américas. Já passava das 21 horas, quando a sessão iniciou. Observam-se na platéia pessoas de todas as idades e classes sócio-culturais, algumas com mais de 80 anos, outras que já haviam assistido ao filme no CAEF na noite anterior.

A presença dos familiares de João Pretinho revelou fato curioso: Érika, sua filha e seu marido - que trabalha com filmes de desenho animado na Bélgica - fizeram o seguinte comentário:

- Na Europa é comum a apresentação de filmes em praça pública. Utilizam paredes de prédios como telão. E também exibem-se películas em bares.

Sua filha emocionou-se com o sofrimento dos escravos, mostrado em "O Aleijadinho", chegando às lágrimas.

Após a sessão, Geraldo volta a conversar com o público, respondendo perguntas.

O teatrólogo viçense Vagner Robert quis saber como o cineasta conseguiu dar o cenário de época.

Geraldo disse que recorreu ao uso de terra batida sobre as pedras fincadas (pé-de-moleque) das ruas de Ouro Preto.

Passava das 23 horas com outras perguntas que Geraldo prontamente respondia, até que deu encerramento, enfatizando a campanha pela criação do Centro Cultural Guido Marlière. Aproveitou para cumprimentar e agradecer ao público em geral e, especialmente ao professor e acadêmico de Direito Aloísio Paulo Ferreira pela sua cobertura fotográfica, do mesmo modo que a Noka Vídeo e sua equipe, pelo suporte técnico-operacional.

Filme Recebe Crítica Favorável nos EUA

O filme "O Aleijadinho", quando exibido nos EUA, provocou comentário divulgado pelo jornal estadunidense, sobre a sequência de cenas em que o artista passa a sentir fortes dores em todas as partes do corpo. E ele insiste em trabalhar. E as dores cada vez maiores o levam a decepar o próprio dedo. A crítica daquele jornal teceu elogios grandiosos à perfeição da arte aplicada para retratar o sofrimento da personagem central.

Seu sobrinho Rodrigo, filho de Renato, fez papel de Oscar Niemayer na minissérie JK, apresentado recentemente pela TV Globo.

Um Lembrete Final

Registramos nossa admiração ao lembrar que no dia de sua chegada, após uma longa viagem de mais de quatro horas, Geraldo ainda teve disposição de deslocar-se para a casa do Dr. Eduardo, com um grupo de amigos para exibição do filme "O Aleijadinho", em caráter particular. À medida que as cenas se passavam, fazia pequenos comentários em torno de cada crítica ou fatos relacionados às mesmas.

Pudemos constatar a grandiosidade de sua obra que abrange nossa história, arte, cultura, costumes, sofrimentos, valores.

Geraldo, enfim, é um nome que projeta sua cidade, seu estado, seu país ao mundo. Bem disse o professor Bretas, Narrador do filme "O Aleijadinho":

- Muitos ainda irão estudá-lo!



Foto por ocasião da chegada de Geraldo e sua família à casa do agrônomo José Luiz Lopes Gomes, no dia 14 de julho, sexta - feira, por volta das 18 horas. Aparecem, da esquerda para direita: Geraldo, Márcia, Emília Stela, Dra. Margarete e sua filha, Laura (filha de Geraldo) e Da. Elza (esposa).

Nossa Memória Histórica

Jeová Benati Filho

Certa vez, assistindo à programação do canal Brasil, da Sky (que só exibe filmes brasileiros) deparei-me com o filme "o Menino e o Vento", baseado no romance de Aníbal Machado, cujo cenário é a nossa Visconde do Rio Branco que recebe o nome fictício de Bela Vista. Confesso que fiquei emocionado ao rever aqueles casarões antigos da Praça 28 de Setembro que fizeram parte da minha infância.

Conversando com o Jota Barroso, perguntei-lhe o porquê de não rodar mais filmes em nossa cidade, e ele me respondeu que não havia interesse, porque não havia mais aquele cenário. Em outras palavras o bucólico cenário da Praça 28 de Setembro desapareceu, vítima da especulação imobiliária. Filmar em Visconde do Rio Branco seria como filmar em qualquer subúrbio do Rio de Janeiro, já que perdemos aquele aspecto característico das cidades do interior mineiro.

Em nome da cultura, do bom gosto e da arte, o conjunto arquitetônico da nossa praça principal deveria ter sido preservado. Faltou a mão corajosa de um Chefe do Executivo responsável para coibir os efeitos nocivos da especulação imobiliária sobre o centro da cidade. A administração do PDT no Rio de Janeiro, através de projeto elaborado pelo saudoso professor Darcy Ribeiro preservou o Patrimônio Histórico da cidade.

Felizmente minha concepção de progresso é outra. Está baseada na construção de escolas, bibliotecas, salas de cinemas e faculdades. E não na construção de caixotes onde as pessoas moram, umas sobre as outras, como se fossem aves em viveiros.

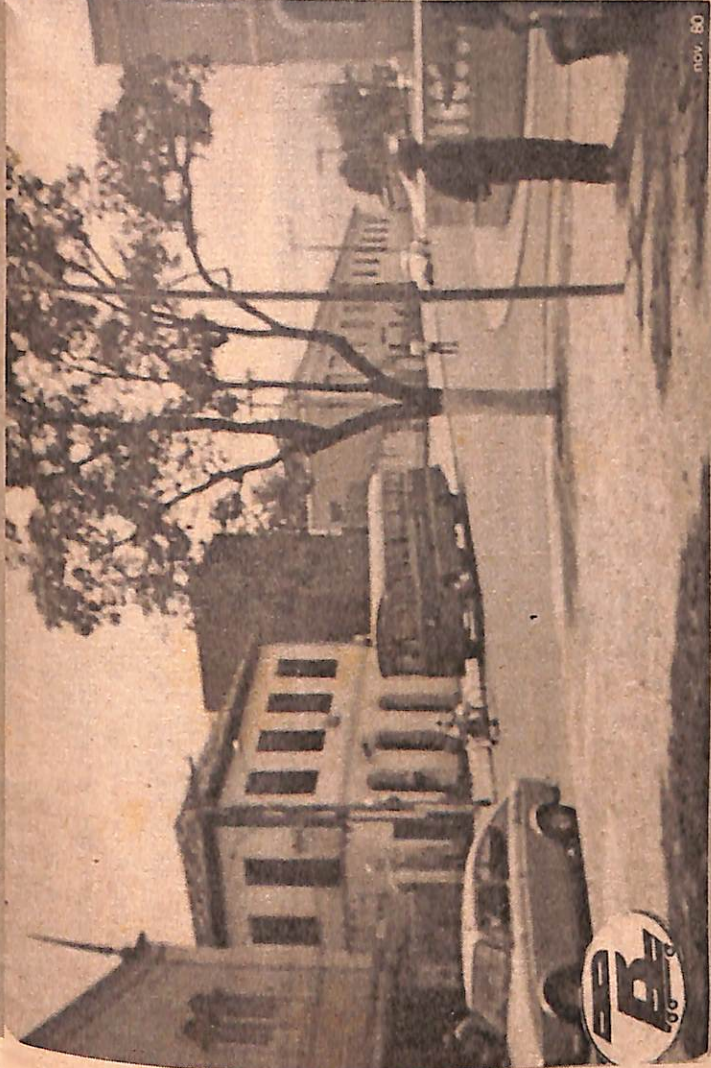
Primeiro destruíram dois antigos sobrados datados do século XVIII, para dar lugar ao Banco do Brasil, em meados de 1975. Foi o marco inicial da destruição do magnífico conjunto arquitetônico na parte alta da 28 de Setembro. Depois foi a vez de um imponente sobrado de janelas azuis que deu lugar ao Hotel Palace.

A especulação imobiliária não deu tréguas. É incrível a necessidade que alguns homens têm de destruir valores estéticos históricos e culturais, para aferir vantagens monetárias. Será este o caminho da felicidade?

Em seguida foram destruídos o casarão do poeta Belmiro Augusto (onde na minha opinião deveria funcionar o Museu Municipal) e a casa da tia Marieta (contra a minha vontade, por insistência de minha mãe).

Na parte baixa, foi destruído o antigo sobrado de D. Piquita Monteiro. Era um majestoso sobrado com mais de 150 anos, que ficava ali onde hoje se encontra a lanchonete "Big House".

Infelizmente no Brasil existe uma mentalidade de que é preciso destruir o velho para construir o novo. Na Europa a mentalidade é outra: procura-se o novo nos bairros, mantendo-se intactos os centros urbanos. Para os europeus é de suma importância a preservação da memória histórica, enquanto talvez por isto eles sejam gente de primeiro mundo e nós não passamos de gente de terceiro mundo.



Editorial

O Cineasta e a Cidade

Levou muito tempo para Visconde do Rio Branco descobrir que foi berço de uma celebridade no mundo das artes. Não apenas um cineasta: um intelectual no mais amplo sentido. Geraldo Santos Pereira já passara em suas apresentações e palestras "raspando" a sua terra natal. Estivera em Ubá, em 2002, recebendo homenagens e colhendo a glória de sua vasta obra e de seu profundo talento. Também em Viçosa, em 2004, a Universidade Federal fora em busca de sua presença para dedicar-lhe uma semana de exibição de seus filmes, de qualidade mundialmente reconhecida, e de suas palestras fáceis de compreender, graças à sua capacidade didática de soltar palavras com a simplicidade dos sábios e dos gênios.

Seus filmes foram traduzidos em vários idiomas e elogiados pela crítica especializada internacional.

Mas chegou o tempo de descobrirmos honrosa - embora tardiamente - que temos no iminente artista um contrâneo de elevado valor, não só por seu conceito natural de "cidadão do mundo". Mas, acima de tudo, por sua simplicidade de convivência que faz questão seja praticada, despojada de formalidade e cerimônia.

Para nós, rio-branquenses, foi um presente descobrirmos que há 81 anos esta terra serviu de berço a tão generoso ser humano. E, se Visconde do Rio Branco lhe serviu de berço, hoje ele tem morada cativa em nossos corações.

Carta de Napoleão Bonaparte

Esta carta, datada de 1797, assinada por Napoleão, dirigida a Guido Thomaz Marlière, tem o seguinte conteúdo:

“Solicita a Guido que vá à Ilha de Córsega buscar sua irmã e o filho e levá-los a Paris. Guido os encontra, mas sua irmã escreve no “pós-escrito”, da própria carta que não aceitaria ir para Paris.” O original dessa carta encontra-se no Arquivo Público Mineiro, sob vigilância oficial da própria instituição, uma vez que o governo francês tem envidado

esforços para levar aquele documento para a França.

Guido não retorna à França, mantendo a carta em seu poder. Prefere abandonar a guerra. Fica em Portugal, de onde, posteriormente vem para o Brasil, trazendo o polêmico documento histórico, na Comitiva de D. João VI, segundo a versão da maioria dos historiadores.

“Fac-simile” do original abaixo:



1797

(N.º 10000) *Guido Thomaz Marlière*



*Compartilhando a sua e a totalidade da sua vida, Napoleão Bonaparte
apresenta a seguinte carta a Guido Thomaz Marlière, datada de 1797.
A carta é escrita em francês e contém a seguinte mensagem:
“Solicita a Guido que vá à Ilha de Córsega buscar sua irmã e o filho e levá-los a Paris.
Guido os encontra, mas sua irmã escreve no “pós-escrito”, da própria carta que não
aceitaria ir para Paris.” O original dessa carta encontra-se no Arquivo Público Mineiro,
sob vigilância oficial da própria instituição, uma vez que o governo francês tem envidado
esforços para levar aquele documento para a França.*

Guido Thomaz Marlière

requisito

Guido Thomaz Marlière

1797

*Segundo a versão de Napoleão Bonaparte, a carta é escrita em francês e contém a seguinte mensagem:
“Solicita a Guido que vá à Ilha de Córsega buscar sua irmã e o filho e levá-los a Paris.
Guido os encontra, mas sua irmã escreve no “pós-escrito”, da própria carta que não
aceitaria ir para Paris.” O original dessa carta encontra-se no Arquivo Público Mineiro,
sob vigilância oficial da própria instituição, uma vez que o governo francês tem envidado
esforços para levar aquele documento para a França.*

Guido Thomaz Marlière

Siderúrgica de Monlevade, Presença de Guido Marlière

Guido teria erguido uma casa de sapé. Por esta razão, Sapé foi a denominação daquele núcleo habitacional, até sua emancipação política, ocorrida em 1948.

A seguir, pesquisa adicional, feita por nossa equipe de Redação:

Informações Iniciais

Guidoval é uma pequena cidade do Estado de Minas Gerais, na República Federativa do Brasil.

Seu nome é uma homenagem ao seu fundador, o francês Guido Thomaz Marlière; uma junção de GUIDO com WALD, formando-se assim GUIDOVAL, ou seja: Vale do Guido.

Localizada na Zona da Mata de Minas Gerais, dista 304 km da Capital, Belo Horizonte.

O município faz divisa com Ubá (17 km); Cataguases (32 km); Rodeiro (18 km); Visconde do Rio Branco (20 km); Dona Euzébia (22 km); Mirai (31 km); e Guiricema (37 km).

Seu fundador, Guido Thomaz Marlière; nasceu em Jarnage, a 3 de dezembro de 1767, na antiga província de Marche, Departamento de Creuse.

De família monarquista, na Revolução Francesa, já como Militar,

lutou contra as forças de Napoleão Bonaparte. Derrotado, seguiu para a Inglaterra, sendo enviado a Portugal em 1797, para defender as terras lusitanas de possível invasão de Bonaparte.

Criada, em Lisboa, a Guarda Real de Polícia A PÉ e ACAVALO, para ela entra Guido Marlière em 1.802, como Porta Estandarte.

Começa aí, sua vida no Exército Português.

Alfere em 1.807, acompanhou depois a Família Real na fuga para o Brasil.

Em 1.810 foi promovido a Tenente; Capitão e Diretor Geral dos Índios em 1.816; Major em 1.821, Tenente-Coronel em 1.823 e Comandante de todas as Divisões do Rio Doce; e, finalmente, Coronel de Cavalaria em 1.827. Reformado em 1.829.

Enviado em 1.813, para pacificar o Presídio de São João Batista (Visconde do Rio Branco), conseguiu apaziguar as tribos Kropós, Croatas e Puris, trazendo-as à civilização.

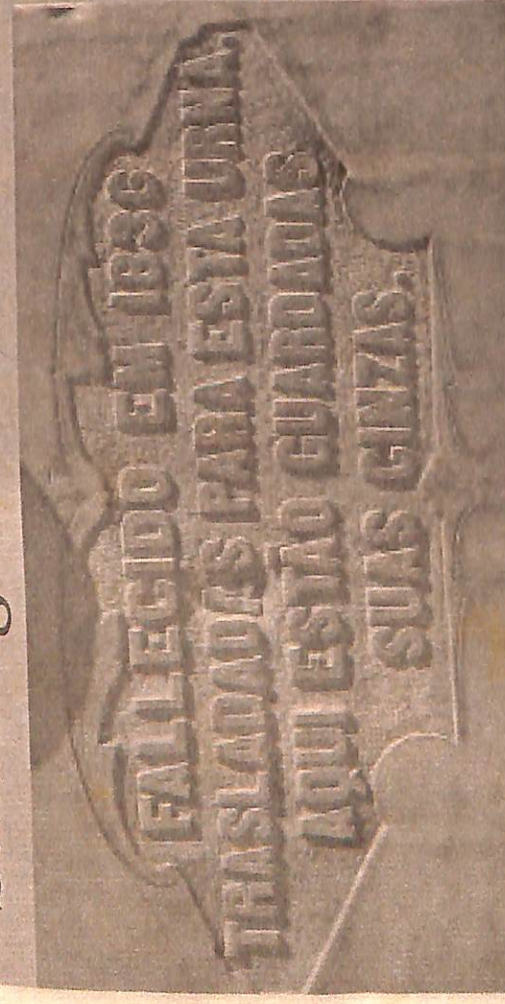
Abrindo picadas, rasgando sertões, banhando-se em límpidos rios, este Plantador de cidades, às margens do Rio Xopotó, fundou o primeiro Rancho de SAPÉ, descansando para sempre em sua Fazenda “Guidowald”, na Serra da Onça, a 5 de junho de 1836.

Com o passar dos anos, à medida que os índios iam se civilizando, ao redor da primeira cabana de Sapé, formou-se um núcleo de povoamento, que deu origem ao Arraial do rancho de Sapé, mais tarde, simplesmente Arraial do Sapé.

O primeiro comércio, a primeira igreja, o primeiro crime, o primeiro casamento e em 1851 a povoação elevou-se a Distrito de Paz. Cinco anos mais tarde tornou-se Freguesia Santana de Sapé.

Em 1943, o Distrito do Sapé teve seu nome modificado para GUIDOVAL, em homenagem a seu fundador, pela Lei estadual de Nº 336, de 27 de dezembro de 1948.

No período de 10/01/49 a 26/03/49 teve como Intendente o Sr. José Vilela.



A primeira usina siderúrgica implantada no Brasil dependeu do trabalho de Guido Marlière, que recebia seu material nos rudimentares portos de Vitória e os conduzia, através do Rio Doce, com a ajuda dos índios Botocudos, hábeis no uso de canoas para transporte de cargas.

São informações de Geraldo Santos Pereira, perspicaz pesquisador e estudioso da figura de Guido, o soldado oriundo das tropas de Napoleão Bonaparte, das quais desertou e passou a servir a Coroa Portuguesa.

Segundo Geraldo, graças a esses fatos, Marlière veio pacificar o silvicultor das “Áreas Proibidas”, e acabou se integrando à história local. Aqui, na Paróquia de São João

Batista do Presídio, veio a estabelecer residência. Tinha a esposa estéril. E teve envolvimento amoroso com uma mulher do Presídio, e, com ela, um filho bastardo. Sua esposa concordou em criar e educar a criança.

Geraldo quer conhecer o Monumento a Guido, onde, conforme crê, estão seus restos mortais. E pretende filmar um documentário sobre a vida daquele francês, após fazer levantamento sobre sua existência na região, principalmente na Serra da Onça, como em toda a cidade de Guidoval, outrora pertencente à Paróquia de São João Batista do Presídio.

Sabe-se, baseado em historiadores, que na área onde se encontra Guidoval, que na área onde se encontra Guidoval,



Cinema na Praça, um sucesso!